

ESPACIALIDADE AUSTERA (1)

O construtor tem o prazer do esforço, fala directamente com os materiais, André Banha também... já que é ele próprio que constrói os seus objectos... objectos estranhos para quem chega... construções pobres que se materializam nos espaços perfeitos das galerias... ou em ruas e parques da cidade... mas onde espreita, também, a memória de um qualquer *bidonville* parisiense de 60.

Materializa-se assim a suspeita de que estamos perante uma qualquer construção efémera, provisória, que se instalou mais uma vez no nosso caminho... Ou então de uma casa, ou um desejo de casa, ... ou talvez uma parte, um espaço...

Será uma qualquer forma de arquitectura? Ou estaremos nesse limbo limite que se constrói entre arte e arquitectura?

De facto, ... produzem-se plantas e alçados, há um projecto... há um processo de procura do espaço através do desenho... e há uma construção habitável...

Quando soube que o objecto enfrentava a escada existente, e a ela se tornaria uma potencial alternativa, através de um sugestivo toque no corrimão que nos convidava ao acesso... soube imediatamente que estávamos nesse limite...

Para Louis Khan, grande mestre americano da arquitectura dos materiais, um pintor pode pintar rodas quadradas num canhão para expressar a futilidade da guerra, um escultor pode esculpir as mesmas rodas quadradas... mas o arquitecto terá sempre que usar rodas redondas... (2)

Confesso que, para mim, que estou aqui na condição de arquitecto, e a quem a ideia que se tem da arquitectura muitas vezes assusta, ... porque se confunde com técnica ou com funcionalidade no sentido mais comezinho do termo... essa ideia se desvanecia perante esta obra que elege o espaço arquitectónico como prazer supremo...

Quando grande parte dos arquitectos ambiciona a liberdade do mundo das artes abstractas, livres e libertadoras... aqui estava um escultor que parecia comportar-se como um arquitecto dessa libertação.

Este sentido de funcionalidade não é obviamente o único propósito da arquitectura... que tal como um livro cheio de palavras... que vamos substituindo, obriga a um sistema de relações que a arte de alguma forma dispensa... aquilo que os artistas minimalistas dos anos sessenta chamavam de 'site specific'... e que encontramos também na obra de André Banha.

O facto de se utilizar como ponto de partida o espaço existente, ou melhor uma leitura crítica desse espaço, produz nesta obra esse sentido de intervenção crítica que a arquitectura disputa muitas vezes com o mundo da arte.

De facto a percepção do lugar é em André Banha muito importante, ... não só em termos da leitura... neste caso a escada metálica e o volume vazado de transição entre espaços deste edifício... mas também no sentido afirmativo de um novo espaço, ou seja, no sentido do *bypass* alternativo e provocatório que a sua instalação nos propõe.

O percurso que se enuncia a partir do toque na guarda, ... e que, através de duas escadas de natureza oposta que perfuram um volume abstracto, nos sugere uma forma alternativa de aceder ao auditório e ao bar do edifício... propõe uma nova espacialidade que range... que nos envolve, ... permitindo cheirar a madeira que revela e constrói, opondo-se ao tom vibrante e metálico da escada existente.

A ideia de alternativas escadas que se nos vão apresentando ao longo do espaço habitado por uma luz coada que vai penetrando por frestas sabiamente colocadas, vai replicando essa ideia de infinitas transições, que podemos ou desejaremos percorrer...

Por outro lado, a conquista de uma plataforma de cota elevada, e de novos enquadramentos visuais, estabelece e acentua a nossa estranheza perante a deslocação das perspectivas de percepção do espaço existente...

Da mesma forma que as experiências minimalistas dos anos 60 abandonavam o quadro manipulando o espaço da galeria, em direcção a uma interferência cada vez maior nos territórios mundanos (*land art* e conceptual)... assim André Banha cria estes universos paralelos, cenários espaciais estranhamente familiares... mas que libertos das contingências da arquitectura, propõem formas austeras e efémeras de habitar... que nos suspendem por momentos e nos transportam a um qualquer outro lugar.

Carlos Lampreia

Caparica, Setembro 2010

(1) Texto de apresentação da '*casa das duas portas*', instalação de André Banha, na galeria da Biblioteca da FCT.UNL

(2) Louis KHAN, citado por Juhanni PALASMAA in *-Aesthetic & Existencial space – The dialectics of art & architecture*

carlos lampreia. setembro 2010